

Camila de Oliveira Silva¹

¹ É graduanda em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

O coração quer dançar
Ao ritmo do som que a vida batuca

Não quero essa placa
Esse sangue sólido
Esse sangue universal e absoluto
Não quero luto

Aproximem-se
Olhem para o túmulo tumultuado de pensamentos
Pensamentos mortos, fétidos, encaixotados, engessados

Olhem essas costas curvadas dos homens
Caindo, pesadas

Percebam esse movimento que engendra paralisia
Olhem para onde se encaminha o processo progressivo do retrocesso

É isso?
Seus olhos petrificados não conseguem ver a fluidez do meu sangue?
Não conseguem ouvir a cor da minha palavra tão rubra, dançarina, viva?

Não sê baixo

Não rebaixa

Não enterra a vida

Não se exila do lado de lá

É da maquiagem de valores que veste a vida que se pinta os olhos

Afinal, é menos trabalhoso, é mais cômodo

Que desmaquiar e construir outra obra de arte

De acordo com o perspectivismo das paisagens

Só a preguiça de aprender a voar pesa

O mais, que graciosamente flutua é firme na leveza: não cai

Não se pode mais impedir o vôo que Zaratustreia

Porque não há mais asa que se corte

Porque ninguém mais sopra Zaratustra

Zaratustra é vento

Levita revitalizado

Aceso

Desperto

Valsa leve, excelso com as borboletas

